



## MEDICALIZAÇÃO E ESCRITA: METÁFORAS DA SUTURA E DA CICATRIZ

Aline Fernandes de Azevedo<sup>1</sup>

### Introdução

Apresento, neste trabalho, reflexões acerca de duas tecnologias corporais características da sociedade contemporânea: a medicalização do corpo e a escrita na pele. Meu objetivo é mostrar como essas práticas corporais estão relacionadas à produção de um corpo simbólico, considerando a forma com que a história e a ideologia funcionam nesses processos discursivos.

Parto da afirmação de Pêcheux (2009) de que inconsciente e ideologia estão materialmente ligados, embora não se recubram. A partir dela, penso que ambos, inconsciente e ideologia, se dão a ver na hiância onde se instala o movimento de tensão de sutura e cicatriz (AZEVEDO, 2013). Tendo em vista este movimento, meu objetivo é compreender a medicalização e a escrita na pele como distintas tecnologias corporais, práticas marcadas por rituais do corpo. Para tanto, apresento a análise de uma fotografia que dá a vê-las como diferentes soluções simbólicas encontradas pelos sujeitos para dar conta de sua relação o próprio corpo, lá onde o impossível do corpo produz um resto que resiste à significação. Nesse sentido, elas são sintomas daquilo que se subtrai à ordem significante, e que retorna produzindo marcas, cicatrizes.

Esses sintomas, pensados a partir da Análise de Discurso Materialista, se marcam no próprio corpo do sujeito, ou seja, é no corpo, concebido como forma material (ORLANDI, 2012), que o embate de sentidos dá a ver o movimento de tensão de sutura e cicatriz, na relação com a falta e o desejo. Ou para dizer de outra maneira, sustento que é possível pensar o corpo como um lugar de inscrição da ideologia e do inconsciente, pela falha e pelo equívoco, e que esta inscrição só se faz possível neste movimento contraditório de sutura e cicatriz, produzindo um corpo paradoxal.

Assim, questiono: sustentado em um posicionamento materialista que perscruta o acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história, cujas filiações reafirmam insistentemente que não se trata de voluntarismo do sujeito, como o "furo" que se faz possível no social se marca no corpo do sujeito? Minha suposição é que são as práticas corporais, pensadas enquanto tecnologias do corpo, que inscrevem esses gestos significantes, dando visibilidade a um movimento de sentidos que mostra, ao mesmo tempo, a contradição na qual esses corpos constituem: se por um lado a medicalização mostra um investimento ideológico de caráter bio social, por outro a escrita na pele dá a ver aquilo o que, nele, resiste à universalização do corpo medicalizado.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística, pós-doutoranda no IEL/Unicamp, docente da UNIARA.



Neste sentido, este artigo objetiva introduzir o conceito de tecnologia corporal, cujo traçado inicial foi esboçado em minha tese de doutorado (AZEVEDO, 2013), procurando tecer considerações acerca da articulação entre as tecnologias corporais e o movimento de sutura e cicatriz, compreendido como a forma pela qual ideologia e inconsciente se marcam em um corpo concebido em relação ao real, ao simbólico, ao imaginário.

### **1. A filiação materialista: metáfora e metonímia**

Para compreender o conceito de tecnologias do corpo em relação ao movimento de sutura e cicatriz, retomarei brevemente algumas premissas teóricas fundamentais acerca da metáfora e da metonímia, dando visibilidade à ordem humana regida sob a lei da linguagem e ao discurso do inconsciente como prerrogativa para tal ordem (ALTHUSSER, 1985, p.64). Enquanto seres de linguagem, simbolizamos nosso próprio corpo tendo em vista a ideologia e o inconsciente, em um processo no qual intervêm o real da língua, o real do sujeito e o real da história (PÊCHEUX, 2002). Isto quer dizer que consideramos o corpo como forma material (ORLANDI, 2012), sustentando um posicionamento que o concebe como um lugar de produção de significação, de embate de sentidos em uma formação social.

Definir a metáfora como transferência (ORLANDI, 2013) é colocar, de saída, a psicanálise como constitutiva do campo da Análise de Discurso, especialmente a psicanálise cuja marca é a leitura althusseriana da obra de Lacan. Althusser (1985) considerava a "Ciência dos sonhos" de Freud uma obra fundamental, pois fora nela que o psicanalista estudara os "mecanismos" ou "leis" do sonho, reduzindo suas variantes a duas, o deslocamento e a condensação. Lacan, ao teorizar o "campo da cadeia significante", reconhece nelas as figuras essenciais da Linguística: a metonímia e a metáfora. Segundo Althusser (1985, p.63), o lapso, o ato falho, a piada e o sintoma tornam-se "Significantes, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, dublando, em silêncio, ou seja, em voz ensurdecadora, no desconhecimento do recalçamento, a cadeia do discurso verbal do sujeito humano".

A metáfora é situada, desta forma, em relação ao discurso do inconsciente, introduzindo o paradoxo de um discurso duplo e uno, inconsciente e verbal, que só pode dar-se no campo da cadeia significante, no qual Lacan localiza a condensação como uma metáfora e o deslocamento como uma metonímia. A condensação se produz num nível de substituição, constituindo a metáfora, que para efetuar essa substituição sempre recalca algo: "é na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, da metáfora" (LACAN, 1999, p.35).

Enquanto a metáfora diz para o sujeito o sentido recalçado, é na metonímia que ele marca o desejo, que é sempre desejo daquilo que falta: "(...) não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa – muito precisamente, daquilo que falta, a, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado" (LACAN, 1999, p.16). É desta forma que Lacan introduz a questão do desejo em relação ao grande Outro e à falta, tecendo sua teoria do objeto-a, o objeto



causa do desejo. O objeto-a vem substituir o objeto de desejo para sempre perdido, que na cadeia significante aparece como objeto metonímico: “esse objeto que nunca está ali, que está sempre situado em outro lugar, que é sempre outra coisa” (p.22). Ainda, o grande Outro, em termos lacanianos, aparece como aquele que sanciona a criação própria à linguagem, no caso, daquilo que aparecerá como metáfora e metonímia, ambas sempre em relação, determinando-se e imbricando-se no jogo da linguagem.

Assim, se Althusser coloca, apoiando-se em Lacan, a metáfora como aquilo que abala a rede de significantes, Pêcheux (2009), por sua vez, ampara-se em suas ideias para falar de transferência de sentidos em relação com as formações discursivas, que não obstante possuem fronteiras fluidas e permeáveis: para ele, a metáfora funciona no deslizamento entre formações discursivas. É o efeito metafórico como deslizamento de sentido, produzindo uma deriva, que segundo Orlandi deve ser pensada em relação com sua historicidade. Esta forma de pensar a metáfora estabelece que não há sentido sem metáfora, já que o sentido é sempre uma palavra por outra. Ou para usar termos lacanianos, “não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica” (LACAN, 1999, p.16).

## **2. O gesto de análise: entre sutura e cicatriz**

Dando consequência à retomada de Althusser, Lacan e Pêcheux, tentarei expor de que forma as operações fundamentais da metáfora e da metonímia se relacionam na discursividade analisada, produzindo sentidos no movimento de tensão entre sutura e cicatriz. Para tanto, apresento um gesto de análise de uma fotografia postada no Facebook (AZEVEDO, 2013, p.94), em um álbum que textualiza a discursividade da festa rave: São cenas de urbanidade, flagrantes (ORLANDI, 2001) da festa em circulação na Web. A cena congela um momento da festa, e dá visibilidade a duas tecnologias corporais que nela se produzem, em condições de produção de superexcitação do corpo, a escrita e a medicalização. Há, eu diria, a produção de uma obrigatoriedade do prazer no modo de vida atual, estabilizando saberes sobre o corpo que estão implicados no prazer sem limites, na felicidade e no bem-estar orgânico, emocional e moral, saberes que fornecem um repertório semântico que promete dar conta do sofrimento humano, circunscrevendo-o e administrando-o,

Assim, o gesto de análise da fotografia permite ver que a escrita no corpo o transforma em lugar de anúncio, há uma publicização do eu aliada à reivindicação de si: “Inscrição no corpo como anúncio/denúncia de que o confronto do simbólico com o político faz problema” (ORLANDI, 2006, p.27). Ao analisar esta imagem, é possível considerar que a escrita tem por função a publicização de uma necessidade referida a um eu, ou seja, é através da escrita que o sujeito tenta organizar seu desejo e restituir sua condição de agente, constituindo na própria pele uma fronteira entre o particular e o social, o público e o privado.

É interessante como, na fotografia, o sujeito autoriza-se a enunciar que possui um corpo, pela operação na qual deixa sua marca sobre a pele. Munido da certeza sobre sua necessidade – ou da



convicção e publicização de uma necessidade, ele expõe seu corpo ao olhar do outro, produzindo, pelo significativo inscrito na superfície de sua pele, uma deriva, uma metáfora que vem substituir uma necessidade biológica qualquer (alimento, água, sono, etc.), por uma necessidade que se diz na nomeação do objeto metonímico, objeto a, causa do desejo. Podemos considerar, pois, a escrita na pele uma metáfora precisamente porque ela é o aparecimento, na cadeia significativa, de um significativo de uma outra cadeia, uma transferência cuja disrupção perturba a rede de sentidos. Ainda, escrever é endereçar ao outro, inscrever uma alteridade incontornável, o que dá margem para pensar a escrita como tecnologia que coloca em relação o desejo, uma vez que desejo é falta, é “o desejo do desejo do Outro”. Instala-se, assim, a relação com a falta, já que a substituição só é possível porque algo “falta”.

Nesta formulação, e tendo em vista este processo discursivo, a metáfora recalca a medicalização como questão social, histórica e política, apaga a anestesia social que ela propicia, e, com isto, todo o investimento bio social que ideologicamente define os contornos corporais, inclusive com relação à busca do prazer. Ao significar a droga como necessidade biológica imputada a um sujeito dono e controlador de seu próprio corpo, a medicalização é colocada como uma questão de direito, ou para dizer de outro modo, o direito ao próprio corpo se mostra imediatamente interpelado. A posição-sujeito de direito se reafirma, inscrevendo-se em uma formação discursiva sustentada por um imaginário que naturaliza um ideal de prazer total, na medida em que nomeia esse prazer como uma necessidade biológica, promovendo o apagamento do social.

O gesto de análise permite compreender, pois, o processo de individualização do sujeito (ORLANDI, 2012), pela medicalização, o que possibilita teorizar a forma como ele é interpelado pela discursividade da manipulação de si, que dá aos sujeitos uma aparente liberdade sobre seu próprio corpo e, ao mesmo tempo, imputa a responsabilização sobre seus comportamentos, hábitos e prazeres. Isto implica dizer que a discursividade analisada constitui pragmaticamente sentidos para os corpos que se encontram vinculados a um sujeito marcado pelo idealismo: um sujeito consciente e controlador de seu próprio corpo, que ao tornar público algo de natureza particular reivindica um direito de decisão sobre sua corporalidade. Neste sentido, a reivindicação ao próprio corpo também ratifica um subjetivismo vinculado a um individualismo, ou seja, reforça a forma histórica de existência das práticas subjetivas no capitalismo (BADIOU, 2011). E, assim, como a ideologia está relacionada ao excesso e não à falta, a medicalização se constitui em uma prótese de sentido, configurando um sintoma social.

Dito de outro modo: a necessidade publicizada pela escrita no corpo desse sujeito é produzida no imaginário, que institui certo objeto metonímico como capaz de suturar a falta primordial e acalmar a angústia. Este objeto, nomeado no/pelo gesto de escrita, diz muito acerca dos objetos substitutivos e evanescentes que o sujeito elege para si, como formas de tentar suturar a falha de sua estruturação psíquica. Isto é, a função discursiva da autoria instaura um contorno imaginário e finito que devolve ao sujeito sua ilusão de unidade, pela inscrição do autor. É na escrita que esse sujeito do agora e da urgência encontra sua unidade imaginária. É ela que proporciona certa estabilização para esse sujeito, marca a insatisfação e reafirma o desejo, já que escrever é uma forma de



domesticar o desejo, de criar para si um mundo semanticamente normal. Ou seja, é por meio da medicalização anunciada que o sujeito acredita encontrar uma forma de encobrir sua falta significativa, num impulso para suturar sua lacuna subjetiva. Porém, na proclamação deste objeto de desejo algo que permanece ausente se revela produzindo, pela inscrição da Letra, cicatrizes.

Em outras palavras, é a escrita que nos dá a ver o discurso do inconsciente produzindo sintoma, expondo um mal-estar social e, com ele, a própria quebra do ritual ideológico (PÊCHEUX, 2009), pela violência com que enuncia uma necessidade forjada historicamente e socialmente como necessidade, violência com que exhibe uma falha própria ao capitalismo, pelo excesso que transborda. É nesta contradição, neste equívoco que a possibilidade de resistência se forja.

### **Notas finais: Tecendo o conceito de tecnologias do corpo**

Na compreensão dos sentidos do corpo medicalizado e marcado pela escrita, procuramos dar visibilidade ao modo como essas diferentes tecnologias corporais se constituem em processos discursivos compreendidos como tensão entre paráfrase e polissemia, o mesmo e o diferente (ORLANDI, 1999). Tendo em vista esses processos, uma especificidade das tecnologias corporais reside no fato delas serem afetadas por práticas, por rituais do corpo, e pela memória do olhar.

O olhar é, pois, um gesto de interpretação que atribui significações a partir da relação espectral entre a instância ideológica e a produção de sentidos. Segundo Pêcheux (1990, p.8), o funcionamento da memória se inscreve entre “o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes formas de ausência”. O que nos mostra que o movimento de sutura e cicatriz se produz na hiância como jogo entre o visível e o invisível. O que é visível se formula por meio de uma rede parafrástica, ou seja, um conjunto de imagens que se repetem, uma regularidade que estabiliza as significações em torno de um objeto simbólico. Lembremo-nos que é na ordem do invisível de uma rede interdiscursiva que os sentidos se constituem, tomam corpo, a partir de um complexo extralinguístico que comporta um conjunto de imagens esquecidas, apagadas ou negadas. A “eficácia omni-histórica da ideologia”, diz Pêcheux (1990, p.8), consiste em sua “tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além, o invisível”.

Na aproximação das palavras de Pêcheux com o conceito de tecnologia corporal, diremos que a relação contraditória e tensa do movimento entre sutura e cicatriz é uma relação fundamental ao engendramento do sentido, em que o invisível é aí imediatamente colocado. Daí, convém afirmar que, devido ao atravessamento da ideologia e do inconsciente, a cicatriz que se formula a partir das práticas corporais comporta sempre algo para além do visível do processo parafrástico, ou seja, a produção de sentidos para os corpos será sempre inevitavelmente afetada pelo invisível.

Nesse sentido, o conceito de tecnologias corporais consiste na compreensão da forma com que a ideologia dominante de nossa formação sócio-histórica conduz nossa relação com o invisível, e essa administração torna-se visível na medicalização do corpo como produção de uma tecnologia de



administração corporal, prática que organiza os discursos da saúde e, conseqüentemente, sustenta a gestão da vida. Nessa direção, é possível afirmar que o conceito de tecnologia corporal abarca o universalismo da tecnologia se inscrevendo insidiosamente no corpo, pelo movimento do desejo, procurando suturar as brechas ao mesmo tempo em que produz cicatrizes.

Ainda, este processo de sutura/cicatriz não é apenas da ordem da ideologia, mas do inconsciente. Como bem colocou Pêcheux, Ideologia e Inconsciente estão materialmente ligados, embora não se confundam. O que a teoria Freudiana vai nos ensinar, relativo ao inconsciente, é que os pensamentos inconscientes se revelam como aquilo que se mostra em ausência, como nos sonhos. Ou ainda, conforme Lacan (1999), o inconsciente se funda na hiância, na falha onde o recalcado se revela, no capítulo vazio e censurado de nossa história. O inconsciente, estruturado como linguagem, se instala no lugar do vazio do sentido, produzindo respostas à ferida narcísica. E como a hiância é o lugar do não realizado, do impossível, lugar de polissemia, o movimento de tensão entre tamponar/obliterar a falta e fazer cicatriz se mostra no jogo entre visível e invisível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. *Cartografias do corpo: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz*. 2013. 189p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), Campinas.

BADIOU, Alain. "Corpos, linguagem, verdades". In: *Margem Esquerda 16*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

DIAS, Cristiane. *Cidade, Cultura e Corpo: a velocidade do mundo*. Campinas (São Paulo): Labeurb/Nudecri, 2011.

LACAN, Jaques. *O seminário - livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

LACAN, Jaques. *O seminário - livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

LACAN, Jaques. *O seminário - livro 11: quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

ORLANDI, Eni P.. *Discurso e leitura*. 5. ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp. 1999.

ORLANDI, Eni P.. (Org.). *Cidade Atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas (São Paulo): Pontes, 2001. 190 p.

ORLANDI, Eni P.. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania. *A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 21-30.

ORLANDI, Eni P.. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas (São Paulo): Pontes, 2012. 239 p.

ORLANDI, Eni P.. Sentidos em fuga: Efeitos da polissemia e do silêncio. In: MASSMANN, Débora; COSTA, Greciely. *Sujeito, Sociedade, Sentidos*. Campinas: RG, 2013. p. 1-15.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas (São Paulo): Pontes, 1975.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (São Paulo), n. 19, p.7-24, jul. 1990.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas (São Paulo): Pontes, 2002.